

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
15 de Dezembro de 2021

THE GORILLA / 1939
(Gorila)

Um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / Argumento: Rian James e Sid Silvers, baseado numa peça teatral de Ralph Spence / Direcção de Fotografia: Edward Cronjager / Direcção Artística: Lewis H. Creber e Richard Day / Guarda-Roupa: Gwen Wakeling / Música: David Buttolph / Som: Roger Heman e George Leverett / Montagem: Allen McNeil / Interpretação: os Ritz Brothers (Jimmy Ritz – Garrity; Harry Ritz – Harrigan; Al Ritz – Mulligan), Anita Louise (Norma Denby), Patsy Kelly (Kitty), Lionel Atwill (Walter Stevens), Bela Lugosi (Peters), Joseph Calleia (o estranho), Edward Norris (Jack Marsden), Art Miles (Poe, o Gorila), etc.

Produção: 20th Century-Fox / Produtor Associado: Harry Joe Brown / Cópia: digital, preto e branco, falada em inglês com legendas em francês e com legendagem electrónica em português / Duração: 66 minutos / Estreia em Portugal: 14 de Fevereiro de 1940.

AVISO: A cópia, num formato digital de baixa definição, tem uma qualidade de imagem deficiente, mas que não impede a fruição do filme, até porque de outro modo não haveria forma de o exhibir.

No seu período na Fox pedia-se muitas vezes a Allan Dwan que tratasse de vedetas sob contrato com o estúdio mas a que o estúdio não sabia muito o que fazer. Foi assim que Dwan chegou, por exemplo, a Shirley Temple, cuja popularidade empalidecia e que ele conseguiu (temporariamente) reavivar com **Heidi** e **Rebecca of Sunnybrook Farm** (dois filmes que veremos em Janeiro). E foi assim que se cruzou com os Ritz Brothers, uma tripla de cómicos hoje praticamente esquecida, espécie de Irmãos Marx “du pauvre”. Com eles Dwan dirigiu **The Three Musketeers**, neste mesmo ano de 1939 (em revisão paródica das figuras de Alexandre Dumas) e, dado o relativo sucesso da empresa, foi imediatamente encarregado de “resolver o problema” (os Ritz Brothers tinham mais um filme no contrato com a Fox, mas ninguém sabia que filme seria esse) do grupo de cómicos.

A “resolução do problema” chamou-se **The Gorilla**, adaptação de uma peça cómica dos anos 20 sobre um criminoso chamado “o Gorila” que ronda uma mansão de herdeiros abonados enquanto existe a possibilidade de um gorila verdadeiro (um pouco como a confusão de leopardos no **Bringing Up Baby** de Hawks) circular também pelas redondezas. É um filme ainda mais “pequeno” do que o dos Mosqueteiros, quase com um só décor, e cuja narração guarda inteiramente a origem teatral – de uma forma que parece quase proto-televisiva, como a das peças de teatro filmado que mais tarde se tornariam populares na televisão (as famosas “teleplays”). E não dizemos isto desmerecendo o filme, que é bastante divertido para além de ser bastante franco na exibição da sua curta escala e sobretudo na falta de disfarce da sua natureza de “teatro em conserva” (sem querer comparar com Guitry, mas...).

Ora, o filme tinha de facto um “problema” a resolver: a falta de graça das suas supostas vedetas. Qual foi a solução que Dwan encontrou? Um ovo de Colombo: certificar-se de que *todos* (ou vá lá, quase todos) os outros actores (incluindo o “gorila”, que na maior parte das vezes em que aparece é

só um braço peludo a estender-se da janela para o interior da casa) têm mais graça do que o trio protagonista. Percebemos isso logo quando Dwan nos introduz à extraordinária Patsy Kelly, cuja estridência vocal em várias cenas se torna na real protagonista, na sequência em que começamos por a ver deitada na cama a ler Shakespeare (!, como se Dwan usasse um estereótipo “culturalista” para frisar a singeleza do material “literário” com que tinha que lidar) e depois a descer desvairada pelas escadas, assustada por ter visto o braço peludo do gorila a entrar-lhe pelo quarto, enquanto grita e se movimenta por todo o espaço do saguão (e a câmara com ela, assim varrendo, de imediato, quase todo o espaço da acção). Depois aparece o granítico mordomo Peters, Bela Lugosi com modos de Drácula em “restraint”, e a aposta está ganha: percebemos imediatamente, ainda antes de aparecerem os penosos irmãos Ritz, que Dwan povoou o seu filme com gente que o vai “roubar” aos seus protagonistas.

E é o que acontece. Quase nem damos pelos desgraçados Ritz, e não nos aborrecemos nem um minuto dos sessenta e seis que o filme dura. Um exemplo perfeito de como se pode salvar um filme assente em material e premissas mais do que questionáveis por obra e graça da mise en scène (sobretudo se nos lembrarmos de uma coisa que Truffaut dizia: “a mise en scène começa na escolha dos actores”).

Luís Miguel Oliveira